

Germanidade no Vale do Itajaí-Açu – Conflitos étnicos e políticos no início do século XX

Lauro Cesar Voltolini de Almeida

lauro2v@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo visa analisar os conflitos étnicos e políticos em torno do "problema" da germanidade no estado de santa catarina, no início do século XX. Para a pesquisa desse artigo foram usadas notícias do Jornal *Republica*, de Florianópolis, nos primeiros anos do século XX. O estudo tem o objetivo de estabelecer algumas discussões sobre as disputas políticas em Santa Catarina no período acima citado e entender como a questão da cultura "germânica", formada no Vale do Itajaí-Açu, estava em pauta nos conflitos políticos nesse período.

Palavras chave: cultura germânica, política, jornal república, espírito de raça.

Abstract: this article aims to analyze the ethnic and political conflicts around the "problem" of germanness in the state of santa catarina, in the early twentieth century. For the research, were used news from the *Republica* news, of Florianópolis, in the early of twentieth century. The study aims to establish some discussions about political disputes in Santa Catarina in the above mentioned period and understand how the issue of "Germanic" culture, formed in the Itajaí-Açu Valley, was at stake in the political conflicts in this period.

Key words: germanic culture, politic, republica news, race spirit.

Introdução

O historiador ao se deparar com as fontes participa de um processo de mão dupla. Se por um lado a fonte tem um conteúdo e objetivo explícito, a mesma fonte é também aquilo que ela omite, arbitrariamente ou não. É necessário entender nossas fontes como uma fala ou representação de uma determinada visão de mundo e experiência vivida. Como mostra Michel de Certeau:

[...] um discurso ideológico se ajusta a uma ordem social, da mesma forma como cada enunciado individual se produz em função das silenciosas organizações do corpo. Que o discurso como tal obedeça a regras próprias,



isso não impede de articular-se com aquilo que não diz – com o corpo, que fala à sua maneira¹.

Tal perspectiva acerca dos vestígios documentais implica um diálogo que vai além da relação historiador-fonte. O processo traz um intercâmbio e junção entre diversas fontes e bibliografias a respeito de determinado objeto em questão, formando desta maneira um processo dialético entre os “sujeitos” da pesquisa historiográfica. No entanto, por mais que desse processo se espere uma síntese, como produto final, ela nunca se dá por completo e nem pretende se concluso, pelo contrário, acaba sendo uma abertura para novas possibilidades.

As fontes em questão são matérias e notícias do Jornal “*República*” de Florianópolis, Santa Catarina, onde o objetivo ou contexto a ser investigado é a construção da nacionalidade brasileira e suas articulações sociais, políticas e econômicas com as colônias alemãs no sul do país, mais especificamente no vale do Itajaí-Açu. Logo, a ideia é observar a especificidade da região acima destacada, com seus contornos particulares, e não o processo de criação de uma concepção de nação ou povo brasileiro em um contexto nacional de grande amplitude.

O corte temporal privilegiado na pesquisa é o início do século XX. Por mais que fosse de grande contribuição adentrar a esse corte preestabelecido, chegando ao “embate” do germanismo e açorianidade, o presente artigo tende desenvolver os conflitos preexistentes a esse período, numa tentativa de observar o processo de “criação” de uma cultura teuto brasileira.

Porém a formação de uma cultura teuto brasileira perpassa por uma série de questões que vai do processo da vinda desses colonos alemães, a “unidade” cultural desse grupo, a relação com os brasileiros e também os jogos políticos envolvidos. A primeira parte desse trabalho é entender os próprios motivos da vinda desses imigrantes, seus objetivos, tanto por parte dos agentes americanos quanto dos agentes do outro lado do atlântico, como também a geração dos descendentes alemães e a importância da “tutela” da cultura germânica em solo brasileiro.

A próxima parte do artigo vai adentrar mais especificamente nas fontes encontradas, que foram localizadas na hemeroteca do site da Biblioteca Nacional. As notícias que vão se

1 CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense-Universitária, 2013. p. 53.



seguir nesse capítulo delinearão a pesquisa no que concerne às acusações já no início do século XX, da suposta tentativa de criar um “espírito de raça” na região de Blumenau.

O jornal em questão é um porta-voz dos benefícios da vinda desses colonos e sempre esteve pronto para contrapor esse tipo de acusação, trazendo os mais variados adjetivos positivos da raça alemã. Portanto, é sem dúvida necessário investigar a própria fonte e os agentes envolvidos na fabricação da mesma, do mesmo modo que será levado em consideração que não se trata de uma fonte isolada e sim de um contexto mais amplo.

O processo colonizador: os interesses e ideais envolvidos

Já no início do século XIX, principalmente com a abertura dos portos em 1808, é possível ver um número mais elevado de imigrantes alemães no Brasil. Entre 1808 e 1822, é constatado a vinda de 200 alemães². Mas é preciso diferenciar dois movimentos, que de uma certa forma são ambíguos. O primeiro é a simples imigração, que na primeira metade do século XIX foi marcada por características mais particulares do que por um projeto político imperial. O outro movimento foi o processo colonizador, que por mais que existisse o investimento privado durante a imigração, acabou fazendo parte de um projeto político, econômico e eugenista do império³.

A segunda metade do século XIX foi de suma importância para o entendimento do processo colonizador brasileiro, principalmente o alemão no que concerne à mão de obra. Como nos mostra Barbosa, "O principal objetivo era suprir a falta de mão de obra escrava e, ao mesmo tempo, seguir a política eugenista, a qual priorizava o ingresso de homens brancos para o desaceleramento da mestiçagem do povo brasileiro, causado pelos índios e negros"⁴.

É possível perceber assim a questão de cunho político e de ideal dessa segunda metade do século XIX, onde o branqueamento foi uma espécie de solução para o "problema" da mestiçagem brasileira. A vinda do europeu se fez como uma forma de remédio para o “problema”, e também uma solução econômica de um país essencialmente agrário e

2 BARBOSA, Márcia Fagundes. *Imagens nacionais e relações de poder nas narrativas da imigração alemã em Santa Catarina*. Tese de doutorado em literatura, UFSC. Florianópolis, 2009. p. 15.

3 Idem, p. 4.

4 Idem, p. 4.



latifundiário. Por outro lado, com a lei de terras de 1850, a presença das grandes companhias colonizadoras foi de extrema importância, pois a partir desta lei de terras, as mesmas não poderiam mais ser concedidas sem o pagamento⁵.

O investimento ocorria tanto por parte das companhias alemãs quanto brasileiras, que viam no imigrante uma "mercadoria" de grande lucro, e que foram ao mesmo tempo uma das responsáveis pela consolidação de colônia importantes em Santa Catarina, como Blumenau por exemplo⁶.

A colonização foi marcada por fluxos e refluxos, nem sempre era possível manter a continuidade da vinda de novos colonos. O custo das viagens eram altíssimo o que fez muitos empreendedores como Hermann Blumenau recorrerem ao governo imperial, pedindo uma ajuda financeira, a qual nos leva a observar:

[...] que tanto Joinville quanto Blumenau, como colônias particulares, necessitaram de auxílio financeiro para continuar seu empreendimento colonizador. Este fato indica a necessidade de revisão da tese que aponta para a iniciativa privada como razão do sucesso destas colônias⁷.

Quando se referem ao dito sucesso dessas colônias, boa parte das narrativas partem do princípio da industrialização dessas regiões no final do século XIX. E ao mesmo tempo fazem uma comparação com o “atrasado” litoral. Ao longo do século XX, esta relação conflituosa que é também simbólica⁸, marcou as disputas pela imagem dos habitantes do vale e do litoral, de um lado um vale próspero e que carregava a força e qualidade do trabalhador alemão e do outro lado, o retrocesso das colônias açorianas. Em 1948 a disputa passou a ser mais acirrada, com a realização do Primeiro Congresso Histórico de Santa Catarina. A partir deste

5 Ver: BRASIL. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm > Acesso em 16 de maio de 2014.

6 GREGORY, Valdir. Imigração alemã no Brasil. In: *Cadernos Adenauer* XIV. Rio de Janeiro, 2013. p. 13. Disponível em < <http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf> > Acesso em 16 de maio de 2014.

7 KLUG, João; ABADIE-AICARDI, Anibal. *Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938)*. 1991. 194f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas. p. 18. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0016-D.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2014.

8 Sobre o poder simbólico e sua relação com a construção da noção de realidade e seu uso nos meios de comunicação, ver: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



congresso, o acirramento e disputa simbólica entre colonização açoriana e alemã em Santa Catarina, ficou mais acentuado do que nunca.⁹

Mas apesar da industrialização do vale, com as primeiras indústrias têxteis de Santa Catarina (Hering por exemplo), a colonização tinha como característica de ocupação a pequena propriedade rural, que em muitos casos era inadequada para a agricultura, o que estimulou nessas regiões a substituição da agricultura pela agropecuária, tanto em regiões de ocupação alemã quanto regiões de ocupação italiana.

A indústria e a pequena propriedade, foi a dupla atividade que caracterizou a economia doméstica desses agrupamentos familiares por mais de um século, pois muitas famílias trabalhavam nas indústrias e tinham na pequena agricultura um excedente para sua subsistência e para engrenar em um mercado de troca, no centro dessas comunidades.¹⁰

Outro aspecto a ser levantado é uma revisão da “homogeneidade” da região do vale do Itajaí-Açu. Por mais que essa região tenha ficado conhecida como uma região típica de colonização alemã, por conta de cidades como Brusque e Blumenau, o “vale europeu” conta com outros grupos de imigrantes, como italianos, húngaros.

Esta relativa "homogeneidade" muitas vezes não era bem-vista pelas autoridades brasileiras, como nos aponta Giralda Seyferth:

Os documentos coloniais registram a chegada de italianos, russos, húngaros, austríacos, irlandeses, franceses — uma heterogeneidade em parte provocada pelas dificuldades de aliciar imigrantes alemães (comentada nos escritos de Hermann Blumenau, por exemplo), mas também relacionada às preocupações das autoridades brasileiras com possíveis enquistamentos étnicos, o que recomendava "colônias mistas". Tal composição, aparentemente, quebra a homogeneidade germânica do Vale, mas não sua definição como "região de colonização alemã", fundamental na construção de uma identidade teuto-brasileira.¹¹

9 Para entender melhor essa disputa, ler FROTSCHER, Méri. *Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder*. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri (org). *Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes*. Florianópolis, ed. Nova Letra, 2000.

10 SEYFERTH, Giralda. Colono múltiplo: transformações sociais e (re)significação da identidade camponesa. In: *Revista Raízes*, v. 31, n. 1. Campina Grande-PR, 2011. p. 17. Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~raizes/historico.php>> Acesso em 15 de maio de 2014.

11 SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Vol. 10, n. 22. Porto Alegre, 2004. p. 65. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-9313199900200003&script=sci_arttext> Acesso em 15 de maio de 2014.



Como dito acima, apesar da quebra da homogeneidade isso não exclui o fato de ser uma região predominantemente de cultura alemã, ou como mais tarde será identificada, uma cultura teuto brasileira. Porém a definição teuto brasileira, ou essa assimilação entre nativos e alemães (e mais tarde seus descendentes) não ocorrerá sem uma ampla discussão, tanto interna quanto externa. Seyferth ao analisar a cultura teuto brasileira dentro da literatura, vai observar que parte desse conceito vai se caracterizar por um discurso posterior:

Não há uma aceitação tácita da peculiaridade teuto-brasileira apregoada em grande parte da bibliografia e nas fontes jornalísticas, literárias e documentais produzidas nas regiões de colonização alemã utilizadas por Willems, e que apontam para uma concepção de identidade cultural que expressa etnicidade, coexistindo com a assimilação. Assim, a formulação da cultura híbrida atendeu aos imperativos do conceito de aculturação, referido aos fenômenos que ocorrem quando grupos de indivíduos portadores de diferentes culturas entram em contato, com as subseqüentes mudanças nos padrões culturais originais dos grupos envolvidos.¹²

De um lado a garantia dada pelas próprias companhias de colonização da possibilidade de se manter em solo brasileiro a permanência da cultura alemã, cultura mais solidamente definida com os imigrantes vindos após a unificação da Alemanha no final do século XIX, e de outro lado o crescimento de insegurança dos luso-brasileiros em relação as colônias alemães, o que vai ficar marcado pelas constantes denúncias de formação de “espírito de raça” por parte de políticos e agentes ligados à administração de Blumenau.

Essas denúncias irão se agravar no início do século XX e verdadeiros embates vão ocorrer, pelo menos até o início da I Guerra Mundial. Tal relação provavelmente só será fortemente "decidida" com o advento da II Guerra Mundial, mas a desestabilização da cultura alemã no vale, já é observada com o golpe de 1930 e ao longo dessa década, onde a procura da homogeneização da nação brasileira só será possível com a censura de culturas “estranhas” ao ideal nacionalista.

12 SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Vol. 10, n. 22. Porto Alegre, 2004. p. 151



Enfim, a conservação de usos e costumes do país de origem e o modelo de colonização com pequena propriedade familiar produziram diferenças sociais consideráveis em relação à sociedade nacional, observadas com certa preocupação por muitos brasileiros. Mas, se os hábitos cotidianos, o modo de vida e o ethos do trabalho suscitaram expressões de estranhamento por parte de muitos brasileiros, as instituições comunitárias definidas como germânicas eram condenadas, junto com o uso da língua alemã, como ameaça maior a qualquer projeto assimilacionista, por seu comprometimento ideológico com o nacionalismo alemão.¹³

Relações de poder: Germanidade e Nacionalidade

Junto com o processo de estabilização econômica dessas regiões de colonização alemã que marcaram parte do século XIX, outro aspecto se junta na problemática de estabilização colonial, ou seja, a permanência e preservação dos costumes da pátria europeia, o *Deustschtum*. Essa preservação ocorre tanto em níveis linguísticos como em níveis de estrutura comunitária.

A língua alemã pode ser considerada o ponto de unificação dessas comunidades, e também o ponto principal dos problemas que se deflagraram no final do século XIX e início do século XX. A língua era mantida por meio das escolas comunitárias e que no final da primeira metade do século XX encontrava-se em sérias dificuldades e grandes perseguições, sobretudo com a fundação do batalhão do exército na década de 1930 em Blumenau e com a campanha de nacionalização.¹⁴

Apesar de ficar mais claro esse conflito étnico depois de 1930, o presente artigo vem demonstrar, através das notícias do jornal “*Republica*” que o conflito é anterior, em pelo menos 30 anos. Um exemplo dessas disputas políticas e também “raciais” aparece na seguinte matéria do dia 15 de janeiro de 1901:

O pretencioso superintendente da cidade de Blumenau, sr. Bonifácio Cunha, exonerou nosso distinto amigo Augusto Keunecke do cargo de intendente

13 SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. In: *Revista Mana: estudos de antropologia social*. Vol. 5, n. 2. Rio de Janeiro, 1999. p. 171.

14 CHAVES, Paula Andreczevski Chaves. *O exército e a campanha de nacionalização do Estado Novo*. Trabalho de conclusão de curso. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003. p. 39. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2002/paula_andreczevski_chaves.pdf> Acesso em 16 de maio de 2014.



municipal de Indayal. A victima do rancoroso inimigo da raça allemã, é um cavalheiro digno, funcionario zeloso e republicano correcto.¹⁵

Não se sabe ao certo quais motivações levaram a exonerar Augusto Keunecke, mas fica claro que existia um conflito étnico envolvido. Ao longo do jornal esse tipo de defesa à raça alemã era recorrente. Tentei encontrar outras referências sobre o histórico de Bonifácio Cunha, na tentativa de constatar o caráter conflituoso entre nativistas e germânicos, ou ainda um conflito luso-teuto, mas não foi possível encontrar outras referências do personagem mencionado. Algumas notícias vão girar em torno das acusações do mesmo.

A manutenção da cultura alemã foi um fator que provavelmente contribuiu para gerar tais conflitos étnicos. Nas várias páginas que pude ler e observar, o jornal fazia questão de destacar as diversas atividades em torno de cultura alemã, ou pelo menos, festividades que deixavam claro o forte sentimento patriótico com a antiga nação. Um desses eventos era a própria comemoração do aniversário do imperador alemão Guilherme II, onde a figura do cidadão Zimmerer mostra essa forte ligação com a Alemanha, “[...] Commemorando o anniversario natalício do seu soberano, o sr. von Zimmerer reúne hoje, as 4 ½ horas da tarde, em sua residência, em um banquete, autoridade do Estado e representantes da colonia alemão. [...]”¹⁶ Zimmerer foi cônsul da Alemanha em Santa Catarina, o que justifica a afirmação, do texto citado acima, do termo “seu soberano” e a comemoração era muito comum. No entanto, essas comemorações ocorriam em âmbito municipal também, onde a comunidade era envolvida nas festividades e até mesmo em laços de pertencimento, mesmo muitos já sendo naturalizados ou até mesmo brasileiros natos.

O sentimento de pertencimento ou sentido que se dá ao caráter da identidade, é ambíguo entre lusos e teutos. Para os descendentes lusitanos a identidade se dá através do *jus solis*, ou seja, a identidade se caracterizava pelo lugar onde se nasce. É claro que nem sempre foi assim, pois se observarmos os conflitos no período colonial entre descendentes de portugueses, e portugueses propriamente ditos, fica evidente que a questão sanguínea estava

15 Blumenau. *Jornal Republica*, Florianópolis, 15 jan. 1901, p. 46. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711497x&pasta=ano%20190&pesq=allema>> Acesso em 16 maio de 2014.

16 Guilherme II. *Jornal Republica*, Florianópolis, 27 jan. 1901, p.57. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711497x&pasta=ano%20190&pesq=allema>> Acesso em 16 maio de 2014.



em jogo também. Agora, por parte da identidade alemã a identidade se dava principalmente por *jus sanguinis*¹⁷, o que ajuda a explicar a própria preservação do *Deustschtum* e ao mesmo tempo desmistificar o que muitos autores vão interpretar como “biculturalismo”¹⁸ ou a aceitação passiva do pangermanismo.¹⁹

Se por um lado fica claro essa perpetuação da cultura alemã em âmbito municipal e estadual, não podemos deixar escapar as próprias relações econômicas que o Brasil mantinha com a Alemanha. Nesse período da história brasileira, o “pêndulo” ainda não estava totalmente inclinado para o lado dos Estados Unidos. Essa relação só ficara mais clara após o início da II Guerra Mundial, quando Getúlio Vargas não teve outra saída se não realmente escolher um lado.²⁰ Entretanto, antes desta tomada de decisão, a relação com a Alemanha não passou despercebida por Washington.

Todavia, nesse momento vale ressaltar o grande conflito no qual este trabalho está debruçado, ou seja, a suposta formação de um “espírito de raça” por parte das lideranças da cidade de Blumenau.

[...] É triste e lamentável que, homens de certo cultivo, estejam acusando o elemento germânico de fazer – espírito de raça -. e isto, porque combate a política por elles seguidas somente prejudicial às próprias localidades em que residem.[...] O superintendente d’ali, que perdeu o pouco prestígio de que gozava, pela sua má administração municipal, não encarou bem a organização da *Volkverein* (União do Povo) sociedade política, cujo o intuito não são a- união dos allemães ou nacionalistas, e , sim, envolver-se na política para assim poder escolher e eleger representantes, que saibam pugnar pelo desenvolvimento local e progresso do Estado.[...]²¹

17 FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira*: José Deeke e os embates culturais interétnicos do Vale do Itajaí. Dissertação de mestrado, História, UFSC. Florianópolis, 1998. p. 115.

18 RENAUX, 1997 *apud* FERREIRA, 1998, p. 118.

19 Um exemplo desta visão é o trabalho de: MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo*: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAESP, 1998.

20 Para ver mais sobre o início desta relação entre Brasil e Estado Unidos durante o período de 1939-1950, ver: MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1950*. mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.

21 O espírito de raça. *Jornal Republica*, Florianópolis, 6 fev. 1901, p. 65. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711497x&pasta=ano%20190&pesq=allema>>. Acesso em 16 maio de 2014.



É visível que parte dessa defesa esconde uma concreta preocupação, a qual data de épocas anteriores, como por exemplo, na constatação de Silvio Romero da existência de “forças estranhas”²² que ameaçam a nacionalidade. Como nos aponta Cristina Ferreira:

O Volksverein conseguiu adesão de grande parte da população diante de seu chamado-para o exercício da cidadania, voltada para a eleição de candidatos “legítimos”, ou seja, representantes teuto-brasileiros que atuassem politicamente, muito além da esfera local, mas sobretudo estadual e possivelmente federal.²³

O *Volksverein*, inclusive, publica respostas combatendo ativamente as acusações, incluindo o então governador do Estado de Santa Catarina, Felipe Schmidt, e muitas vezes com ares jocosos, como por exemplo nos versos publicados no dia 16 de fevereiro de 1901:

Schmidt, a questão de raça
E' uma torpeza tua
Como isto cheira a cachaça!
Schmidt, a questão de raça
Será tua desgraça,
Irás ter ao meio da rua.
Schmidt, a questão de raça
E' uma torpeza tua.
Volksverein²⁴

Antes, de mais nada, o que se pode ver nessas notícias e respostas às acusações, é um sério jogo político instaurado no Estado. O próprio José Boiteux que era o editor chefe do jornal, foi integrante desse eleitorado que se formou no início do século XX. Por isso se faz de grande importância ler, sempre com muito cuidado, tais notícias e defesas. Apesar de tudo, outras acusações como a formação de um possível Estado independente alemão em Santa Catarina também devem ser redimensionadas e colocadas dentro do campo de possibilidades, que, a meu ver, trata mais de 'politicagem' do que uma real ameaça. Porém, analisando os

22 FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos do Vale do Itajaí*. Dissertação de mestrado, História, UFSC. Florianópolis, 1998. p. 114.

23 Idem p. 132.

24 Pipocando. *Jornal Republica*. Florianópolis, 6 fev. 1901, p. 65. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711497x&pasta=ano%20190&pesq=torpeza>> Acesso em 16 maio de 2014.



indícios até então levantados aqui, os conflitos étnicos são reais e permeiam toda a política interna do Estado e deságuam na política nacional.

Como já mencionado antes, a política brasileira e suas relações com a Alemanha não passariam despercebidas por Washington. Um correspondente do *Times*²⁵ já havia alertado em 1902 que o governo americano não havia fechado os olhos para o caso das colônias alemãs no sul do Brasil. Em resposta a essas acusações e desconfianças, o jornal *Republica* publica a seguinte nota:

[...] Só agora lembra-se a América do Norte de achar nessas colônias um perigo para o Brasil, negando ou talvez ignorando, que os alemães ali chegados, em pouco tempo tornam-se bons cidadãos brasileiros, prontos a defender o seu solo adquirido contra qualquer invasor estrangeiro.[...]²⁶

Esse tipo de defesa era exemplar dentro do que podemos chamar de "resgate" ou "invenção" de uma determinada memória. Nas enchentes da década 1980, a memória que se pretendeu construir foi basicamente a de um povo trabalhador, qualidade atribuída aos habitantes de origem alemã. Nesse trecho narrado, podemos observar outro tipo de construção, ou seja, de um povo heroico, que não mede e não mediu esforços para proteger a terra que adotaram.

Em outras páginas do jornal, essa memória é remetida até a Guerra do Paraguai²⁷, onde os habitantes descendentes de alemães também não se detiveram e nem mediram esforços para garantir a defesa do país.

Este fato externo não pode ser descartado, dentro das ditas acusações infundadas. Em outras notícias o jornal volta a ter a necessidade de defender a questão, em 1903:

[...] A Kolnische-Zeitung, em vibrante artigo, de 2, protesta contra o boato que corre, especialmente nos Estados Unidos, de que a Alemanha alimenta o

25 Brasil-Allemanha – A Hanseatica. *Jornal Republica*. Florianópolis, 6 mar. 1903, p. 78. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711497x&pasta=ano%20190&pesq=allema>> Acesso em 16 maio de 2014.

26 Idem.

27 O espírito de raça. *Jornal Republica*, Florianópolis, 6 fev. 1901, p. 65. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711497x&pasta=ano%20190&pesq=allema>> Acesso em 16 maio de 2014.



intento de conquistar o Brasil, sendo ao contrario, o seu maior desejo manter a intima cordialidade com a grande Republica sul-americana, onde milhares de allemães encontram bem-estar e segurança.²⁸

Visivelmente essas colônias estavam sendo vigiadas, e não de muito longe, pois no mesmo ano de 1903 os americanos já haviam procurado autorização para construir uma estrada de ferro no sul do Brasil e muitos diplomatas americanos, entre embaixadores e navios cruzadores como o *Atlanta*, percorriam o sul do Brasil.²⁹ Nesse mesmo ano o jornal em questão lamentava que a construção da estrada de ferro seria feita através de capital americano e não alemão.

Independente da veracidade ou fantasia das acusações, o clima político foi tenso nesse início de século XX. Formação de espírito de raça; território brasileiro ameaçado; exonerações de cargos públicos; repúdio a instituições políticas e centros comunitários de manutenção da cultura alemã e outros conflitos não cessavam de fazer parte das notícias do jornal, que defendiam o tanto quanto podiam Blumenau e regiões de colonização alemã. Tudo isso se junta às relações estreitas do Brasil com a Alemanha, transformando o cenário político altamente conflituoso dentro de questões étnicas e políticas, onde querendo ou não, acaba por colocar em dúvida a própria garantia de cidadania desses habitantes teuto-brasileiros. Mas o mais importante é ressaltar a necessidade de revisitar os conflitos étnicos anteriores à década de 1930 e que vão ganhar no final da primeira metade do século XX um caráter mais pragmático e decisivo nessas regiões, tanto no que concerne às questões políticas quanto culturais.

Conclusão

Como já mencionado anteriormente, seria de grande contribuição adentrar todo o século XX para salientar melhor o conflito aqui levantado. Mas, mesmo assim se espera com

28 A Alemanha e o Brasil. *Jornal Republica*, Florianópolis, 13 mar. 1903, p. 79. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=711497x&PagFis=12652&Pesq=allea>> Acesso em 16 maio de 2014.

29 Idem, p. 84.



esse artigo trazer alguns pontos e abrir alguns debates, de um conflito que não nasce com a república e nem se esvai com o século XXI.

A retomada da memória é algo que acontece constantemente nas mais diferentes nações e conjunturas. Com esse trabalho pretendeu-se, amiúde, fazer alguns contrastes do conflito étnico entre “nacionalistas” e “germanistas, no entanto, outras questões poderiam ter sido melhor investigadas, como a adoção do pangermanismo, o próprio conceito de teuto-brasileiros, entre outros assuntos.

Investigar melhor a própria historiografia acerca do tema seria de grande ajuda para entendermos melhor como o assunto vem sendo tratado em teses, dissertações e artigos de revista. Contudo, mesmo que de forma breve e reduzida, a análise bibliográfica e seu respectivo tratamento com o tema, parece nos apontar para uma compreensão de que tais temas são característicos da chamada Nova História de Santa Catarina, onde conceitos como identidade, mentalidades e memória são marcos deste período.³⁰

Para finalizar, cabe ressaltar que o jornal aqui levantado se encontra no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e que os jornais trazidos à tona vão até 1903 e depois dão um pulo para o ano de 1918, o que acaba por nos deixar com 15 anos de 'vácuo' dentro da questão. Mas resumidamente nos trechos lidos, no ano 1918, as defesas do tal jornal são bem mais comedidas, cabendo ao jornal apenas os relatos do fim da I Guerra Mundial.

Referência bibliográfica

BARBOSA, Márcia Fagundes. *Imagens nacionais e relações de poder nas narrativas da imigração alemã em Santa Catarina*. Tese de doutorado em literatura. UFSC, Florianópolis, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense-Universitária, 2013.

30 Para ver melhor sobre essa historiografia, ler: CAROLA, Carlos Renato, WOLFF, Cristina Scheibe, SILVA, Janine Gomes da. *A história de Santa Catarina: Olhares sobre os últimos 50 anos*. In: GESLER, Raquel (org). *Do passado para o futuro: Edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh*. São Paulo. Contexto, 2011.



CHAVES, Paula Andreczevski Chaves. *O exército e a campanha de nacionalização do Estado Novo*. Trabalho de conclusão de curso. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos do Vale do Itajaí*. Dissertação de mestrado, História, UFSC. Florianópolis, 1998.

FROTSCHER, Méri. *Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder*. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri (org). *Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes*. Florianópolis, ed. Nova Letra, 2000.

GESLER, Raquel. *Do passado para o futuro: Edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo. Contexto, 2011.

GREGORY, Valdir. *Imigração alemã no Brasil*. In: *Cadernos Adenauer XIV*. Rio de Janeiro, 2013.

KLUG, João. *Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938)*. Dissertação de mestrado. História, UFSC. Florianópolis, 1991.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAESP, 1998.

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1950. mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

SEYFERTH, Giralda. *Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro*. *Revista Mana: estudos de antropologia social*. Vol 5, n.2. Rio de Janeiro, 1999.

SEYFERTH, Giralda. *A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade*. *Revista Horizontes Antropológicos*. Vol.10, n. 22. Porto Alegre, 2004.

SEYFERTH, Giralda. *Colono múltiplo: transformações sociais e (re)significação da identidade camponesa*. In: *Revista Raízes*, v. 31, n. 1. Campina Grande-PR, 2011.

Recebido em 07 de julho de 2014

Aprovado para publicação em 24 de julho de 2014

